

ANTONIN
ARTAUD
INSOLÊNCIAS

© Moinhos, 2018.

EDIÇÃO:

Camila Araujo & Nathan Matos

ASSISTENTE EDITORIAL:

Sérgio Ricardo

REVISÃO:

LiteraturaBr Editorial

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO:

LiteraturaBr Editorial

CAPA:

Luís Otávio

CONSELHO EDITORIAL

Ana Elisa Ferreira Ribeiro (CEFET-MG)

Ana Lúcia Machado de Oliveira (UERJ)

Gustavo Castro (UnB)

Luis Quintais (UC/Portugal)

Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)

Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC)

Orlando Luiz de Araújo (UFC)

Pedro Eiras (FLUP/ILC-ML/Portugal)

Pedro Fernandes (UFRN)

Edição 1, Belo Horizonte, 2018.

Nesta edição, respeitou-se o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

FICHA CATALOGRÁFICA

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2018 | 292 p.; 23 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

ANTONIN ARTAUD INSOLÊNCIAS

ORGANIZADORES

Alex Galeno \\ Fagner França \\ Gustavo Castro



MOINHOS

Sumário

ALQUIMIAS DO VERBO

(In)atualidades artaudianas, Entrevista com Florence de Mèredieu, 19
por Alex Galeno e Fagner França

Mais sobre Antonin Artaud: a transcrição de uma palestra, 41
Claudio Willer

Testemunho de um percurso: é possível pensar com Artaud?, 57
Ana Kiffer

A escritura e seu duplo, 69
Gustavo Castro

Artaud e o teatro-total, 81
Hermano Machado

CONVULSÕES CÊNICAS

“A derme da realidade” (Artaud, Benjamin e o cinema), 93
Evelyne Grossman

Artaud e o cinema: histórias cruzadas, 107
Fagner França

Glauber Rocha e Antonin Artaud: Diálogos Viscerais, 127
Adeilton Lima

Antonin Artaud: representações do corpo no teatro e no cinema, 145
Alberto da Silva e Erico José Souza de Oliveira

O subjétil e a estética da crueldade artaudiana, 153
Gerlúzia De Oliveira Azevedo

*O ser e a merda para homens sem juízo:
Artaud, Zé Celso e Flávio de Carvalho*, 163
Vanessa Daniele de Moraes

PESTES

Além da pulsão de morte: Lacan com Artaud, 179

Camille Dumoulié

Artaud, a Peste, 187

Camille Dumoulié

Ao Sul da carne de Antonin Artaud: para uma metafísica mito-lógica, 199

Florence Dravet

O impoder das palavras, 215

Raymonde Carasco

Antonin Artaud: o poeta, khôra e a erva suplementar da poesia, 229

Ilza Matias de Sousa

O que vem depois motiva o teatro.

A “Escrita do Suporte” de Antonin Artaud, 249

Lígia Maria Winter

Antonin Artaud: insurgente da beleza e da dor, 267

Alex Galeno

Sobre os autores, 281

PREFÁCIO

Romancistas, poetas, filósofos, e uns poucos antropólogos, em épocas diversas, foram capazes de refletir sobre as alteridades de modo menos retórico e excludente e criar imagens que, por estarem libertas das ‘regras do método’, converteram-se em jogos de linguagem empenhados na construção de um pensamento multidimensional, complexo, transdisciplinar.

Antonin Artaud (1896-1948) é um desses pensadores. Em 1936, defrontou-se com os índios Tarahumara, do México, interessando-se, principalmente, pelas experiências alucinógenas obtidas por meio do peiote. A contraposição cultural entre França/México foi, a princípio, acompanhada pela dualidade razão/magia, homem/natureza, como, aliás, não poderia deixar de ser. O interesse de Artaud voltou-se, porém, para o mundo indígena. Nele, a consciência coletiva funcionaria como um guia geral para o pensamento e para a ação, um negativo da civilização europeia, mergulhada num individualismo e expansão crescentes.

Mesmo inconscientemente, essa negatividade já era conhecida anteriormente, como se tudo estivesse pré-ordenado por alguma entidade supraterrrestre que não necessitasse de comprovação empírica para atestar sua veracidade. Essa viagem à insustentável leveza do ser, implicaria um conhecimento de si de tais proporções que só um outro nível de consciência, resgatado pelo peiote, poderia recuperar o sonho de uma unidade que havia se rompido na fragmentação da história.

Suas ideias permitem o reencontro com as verdades soberanas “mediante as quais a consciência humana... recupera a percepção do Infinito, em lugar de perdê-las”, como reitera Artaud em *Los Tarahumara*. Nesse infinito, apagam-se as diferenças entre o eu e o outro, o louco e o são, porque ambos representam ampliações do Eu, uma forma transpessoal de consciência, formatada na e pela experiência ritual que amplia a percepção e permite que se veja o outro lado das coisas. “Era como se uma força terrível houvesse concedido a graça de te ver restituído ao que existe do outro lado”, acrescenta. Se é possível concordar com Artaud que o peiote representa o homem em sua interioridade primordial, esse fato possibilita o desvelamento de planos psíquicos obscuros, inconscientes, recalcados.

Sete anos internado em um hospital psiquiátrico, local onde o texto foi escrito, mal nutrido, envenenado por medicamentos, abalado por sessões contínuas de eletrochoque, conseguiu objetivar, pela escrita, a experiência mexicana de suas viagens alucinatórias. Todas essas condições acabaram por conduzi-lo à morte, mas o ato de escrever representou um retorno sobre si mesmo, um derradeiro esforço de mostrar ao mundo a essencialidade e a unidade conflituosa do ser-sujeito. No *post-scriptum* à edição dos *Tarahu-*

mara, encontram-se as seguintes palavras que resumem toda a experiência artaudiana: “Escrevi o Rito do Peiote em estado de conversão, e com nada menos do que cinquenta ou duzentas hóstias no corpo”.

Marcada pela contingência psíquica, fruto de uma pulsão não domesticada, selvagem, expressão de reservas antropológicas que sobrevivem ao domínio da ordem e da paralisia do pensamento, os deslocamentos geográficos e interiores de Antonin Artaud permitem entrever uma ética do desconforto, da insurgência e, sobretudo, uma desobediência aos códigos, propósitos, métodos, contabilidades, regras e demais profilaxias da tecnoburocracia do pensamento instituídos pela aliança entre poder, política, intelectualidade, universidade.

Não por acaso, Artaud foi cair nas mãos de Nise da Silveira (1905-1999). Naqueles ‘tristes lugares’, expressão usada por Nise para se referir às práticas institucionais de hospitais psiquiátricos, a regeneração da psique tornou-se evidente. Representado por pacientes e artistas, o teatro da crueldade permitiu que a dicotomia razão-loucura fosse implodida de uma vez por todas. A psiquiatria institucional desconsiderou suas instituições, exilou a ‘doutora’ e permaneceu fiel a medicamentos, eletrochoques e demais dispositivos de controle do corpo e da mente. Mas – queiramos ou não – os chamados ‘hospitais de alienados’ jamais foram os mesmos depois das intervenções de Nise.

A presença de seus feis escudeiros – Carl Gustav Jung, Machado de Assis, Fiódor Dostoiévski, Antonin Artaud, dentre outros – era visível em sua vasta biblioteca na rua Marquês de Abranches, no bairro do Flamengo, Rio de Janeiro. No lugar de um pretensioso manual de psiquiatria cartesiana, ela insistia, o prazer do texto de um romance, uma poesia, um canto, pode instaurar a escuta poética do mundo e resgatar nossa irremediável permanência.

Favorecer uma sensibilidade mais plena do sujeito diante de si e do mundo, talvez seja um dos princípios fundamentais a resguardar para fazer nascer um outro modo de pensar a cultura científica. Mas, insistimos, é preciso dizer que o acesso a vetores de sensibilidades mais plenos não advirá de reformulações teóricas, conceituais, axiomáticas, metodológicas. É crucial o exercício cotidiano de acessar a interioridade primordial de nossas práticas sapientais. Podemos e devemos ‘sair fora’ da linha, inventar novos caminhos, anunciar conhecimentos proibidos, discutir hipóteses não plausíveis, ideias inacabadas, impertinentes, caminhar no contra fluxo do estabelecido.

Uma nova atitude do filósofo, artista, cientista e intelectual diante de si próprio, terá que ser, em parte reaprendida, em parte inventada. Uma ética para o contemporâneo requer um mapa de múltiplas entradas e pontos de partida; requer, também, menos códigos e normas, mais flexibilidade criativa que ultrapassem os limites confortáveis das verdades únicas que

funcionam como calmantes e ansiolíticos. É preciso abdicar do lugar de demiurgo e da pulsão narcisista, sintomas de uma doença quase incurável do pensamento científico que se autoinstituiu como oráculo da Verdade sobre palavras e coisas.

Organizado por Alex Galeno, Fagner França, Gustavo Castro, composto de 18 ensaios desiguais, mas, ao mesmo tempo, complementares em textura narrativa e propósitos, *Antonin Artaud: cultura e insolências* sugere uma reflexão a respeito do que venham a ser as reservas de um pensamento do sul, expressão de Edgar Morin para explicitar a polivalência do Eu, a repressão do super-eu, a ira do Id. O alerta de Sigmund Freud de que jamais seremos donos da nossa própria casa serve como um alerta para esses sombrios tempos de barbárie. Os deslocamentos e as condensações simbólicas e psíquicas de Antonin Artaud que se encontram presentes neste livro talvez ofereçam algumas chaves para compreender e viver as alteridades que nos constituem.

Edgard de Assis Carvalho
Maria da Conceição Almeida

INSOLÊNCIAS

Antonin Artaud foi um dos mais completos e sofisticados poetas e pensadores do século XX. A poesia atuou nele de tal forma a permitir ampla abertura de visão e intuição, permitindo experiências e práticas estéticas junto ao teatro, o cinema, o rádio, a performance, o desenho, a roteirização, a narrativa epistolar, enfim, o complexo dos modos de expressão. Com o mesmo ímpeto, Artaud foi ainda um filósofo selvagem, pensador da cultura e da sociedade. De aspiração anarquista, ligado ao Surrealismo, algumas de suas obras, como o *Teatro e seu Duplo*, são verdadeiros monumentos da arte em todos os tempos. Entre outras questões fundamentais, Artaud nos permitiu entender que a história do declínio valorativo da revolta e da insolência reflete-se justamente na desvitalização de nossa cultura e civilização.

Também antes de todos, Artaud compreendeu que nossas sociedades, ao perderem como pano de fundo o sentimento vital do espírito, da magia e da incerteza permanente, acabaram por perder sua própria pregnância social. É na vitalidade da insolência não domesticada que podemos encontrar os direitos à felicidade. Com Artaud entendemos que não estamos vencidos pela imposição de uma realidade que adota a mentalidade dos náufragos, mas que o ponto cardeal de todas as insolências é àquele do gozo e, mesmo na dor e no sofrimento, continuar a festejar e celebrar a vida. Surge, a partir dele, uma pequena arte do viver.

Sempre foi premissa das culturas autoritárias a mutilação ou a tentativa de impedimento dos impulsos da insolência. Quando as sociedades entram em um estágio de seriedade e de excesso de sobriedade, é justamente a insolência que deve colocar o mundo ao revés. Nem Artaud nem a insolência se ajustam facilmente aos mundos idílicos e assépticos da ordem, que promovem, como bem supremo, a monotonia e a anestesia. A insolência aproxima-se, assim, de um interdito, pois sugere sublevações, transgressões e afrontamentos. Como Artaud, a insolência toca de perto temas como a peste, a coragem e a arte.

Artaud nos leva à pergunta: O que fazer? Fugir ou aguentar, cooperar ou marginalizar-se? Devemos ser insolentes, lúbricos, turbulentos e maledicentes? Vimos no século XX (e sobretudo neste século XXI) uma horda de gerações frias, céticos petulantes e insensíveis, que uniram-se a idealistas nacionalistas, a egoísmos desenfreados.

Mas isso não precisa ser um destino. Ainda estamos vivos e somos seres abertos para o mundo, capazes de experimentação e invenção. Tal como Rimbaud, Artaud é um moderno, inaugurando uma poética da vidência que se expressa antes de tudo em um plano mítico, isto é, em diálogo com

as experiências primeiras da cultura. Foi assim quando realizou sua viagem ao país dos Tarahumaras no México, em 1936, experimentou o peiote e participou do rito do Tutuguri. Ou ainda, quando reivindicou para seu teatro a insolência perdida de Heliogábalos.

Uma insolência que, sem dúvida, vincula de uma vez por todas as experimentações do corpo no plano individual e no plano da cidade, tal como o filósofo cínico Diógenes advertiu aos seus contemporâneos. Um Corpo sem Órgãos que não se deixa capturar pela moral teológica ou dos saberes médicos, que transformam o corpo em um puro organismo. Assim como Diógenes, Artaud é um poeta excremental, e isso se evidencia no plano de sua linguagem artística.

Artaud desejava o contágio por meio de uma peste teatral, assim como Freud teria levado a peste para a América. A diferença é que, para Artaud, a peste já está entre nós, e cabe ao artista despertá-la. Foi o que tentou fazer em abril de 1933, na Sorbonne. Convidado pelo doutor René Allendy para falar sobre “O teatro e a peste”, abandonou a sequência de leitura de sua conferência e passou a encarnar o papel de um doente pestífero em seus últimos momentos, como quem pretende contaminar a audiência com a peste, e não apenas apresentá-la.

Como um poeta vidente e, mais uma vez, tal como Rimbaud em *Uma temporada no inferno*, Artaud, com seu teatro, cinema, desenhos e escritos procurou adentrar cidades esplêndidas no plano da cultura. E isso, para ele, só seria possível pela experiência da crueldade. Não no sentido de sadismo, derramamento de sangue ou do cultivo sistemático do horror, como ele mesmo adverte, mas de uma submissão à necessidade, uma consciência aplicada. “É preciso insistir na ideia de cultura em ação e que se torna em nós como que um novo órgão, uma espécie de segundo espírito”, diz ele em *O teatro e seu duplo*.¹

E é desta forma que pensamos Artaud como um insolente da cultura e como um contemporâneo. Em uma de suas definições, Giorgio Agamben apresenta o contemporâneo como “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”.²

Nesse contexto, podemos pensar que alguns enfrentamentos de Artaud são mais atuais do que nunca, como a ideia de um corpo que permanece capturado por um disciplinamento que agora se coloca num plano de

¹ ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 2.

² AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 62-63.

controle muito mais sofisticado, um corpo antropológico inserido numa cultura fortemente midiática e que, paradoxalmente, aparece como um corpo sem rosto no âmbito da esfera pública, fragmentado, remetendo-se sempre de volta aos espaços privados.

Portanto, a luta do corpo contra o organismo permanece viva sobretudo no domínio da cultura. Assim como Diógenes, Artaud não separava a vida privada das responsabilidades públicas, pois os sujeitos e seus corpos devem ser concebidos desprovidos de uma moral que os interdite nos destinos dessas cidades esplêndidas, tal como nos referimos anteriormente.

A poesia da vidência exige o impossível. E é isso que Artaud, como um Sísifo, tentou fazer, destacadamente com seu teatro, olhando diretamente para o século XXI. Não é disso que precisamos, de um sujeito que deseja o impossível para além das evidências cotidianas do plano comum e ordinário da sociedade e da cultura?

Os textos aqui reunidos têm como substrato pensar a obra artaudiana no contexto de um sujeito e de uma cultura da insolência. Além disso, no plano mais individual, é preciso também descolar Artaud de certas qualificações mistificadoras como a do sujeito louco, drogado, psiquiatrizado e atormentado. Certo, isso tudo existiu em sua vida. Mas Artaud é isso e além disso. É também, por exemplo, o Nanaki das suas cartas à mãe, Euphrasie Nalpas, à irmã, Marie-Ange, à sua amada Gênicia Athanasiou e aos amigos André Breton, Jean Palhan, Jean-Louis Barrault, entre outros.

Por isso dizemos que sua obra precisa ser traduzida e lida no Brasil, para que possamos evitar as reduções do autor a algumas passagens de sua biografia em detrimento de seu legado. Nesse sentido, faz-se urgente a sua divulgação no país. Dos 28 volumes de suas obras completas organizadas por Paule Thévenin e publicadas pela Gallimard até o momento, conhecemos apenas alguns escritos esparsos traduzidos para o português.

Em 2019, ano em que seus textos serão de domínio público, nós, como organizadores, além dos demais artaudianos, devemos nos empenhar em ampliar sua publicação para os leitores brasileiros. Pois a universalidade de Artaud também se faz presente por aqui, sobretudo a partir da obra de José Celso Martinez, no teatro, ou de Nise da Silveira, por meio de suas experimentações no Engenho de Dentro. Sem esquecer, claro, o esforço de divulgação realizado pelo poeta e ensaísta Cláudio Willer (um dos autores presentes em nossa coletânea), que no início dos anos 1980 reuniu, traduziu e publicou textos importantes de Antonin Artaud.

Essa presença de Artaud no Brasil e sua atualidade para pensar o país, o leitor poderá reconhecer, por exemplo, em alguns textos que procuram dialogar diretamente tanto com autores brasileiros, como o próprio José Celso Martinez, Flávio de Carvalho e Glauber Rocha, quanto com experiências

de algumas culturas religiosas que se aproximam da ideia de “metafísica da carne” pensada por Artaud, como a do transe na umbanda.

Se tivesse aportado no Brasil, em alguma de suas viagens, Artaud provavelmente encontraria aqui “múltiplas afinidades”, como diz Florence de Mèredieu na entrevista que abre o livro e traz diversas chaves de entrada essenciais para se penetrar a obra do poeta de Marselha. Entre elas, dados biográficos fundamentais que ajudam a compreender algumas formulações dos escritos artaudianos. Seu texto serve de introdução para o leitor iniciante desbravar com um pouco mais de orientação os múltiplos domínios nos quais Artaud deixou sua marca.

Os textos aqui reunidos são contribuições de pesquisadores de várias áreas do conhecimento do Brasil (entre eles Cláudio Willer e Ana Kiffer) e da França (Evelyne Grossman, Camille Dumoulié, Raymonde Carasco e Florence de Mèredieu), em uma tentativa de abordar Artaud por meio de uma perspectiva transdisciplinar e multidimensional. Cinema, teatro, literatura, desenho, corpo, psicanálise, alteridade, deslocamento, vida, arte, rito, mito, duplo, são alguns dos temas tratados pelos autores do livro que ora vem a lume.

Edgar Morin,³ dizia que, com Montaigne, “o sujeito humano torna-se seu próprio tema de estudo, descobrindo em sua singularidade ‘a forma total da condição humana’”. E é por essa singularidade e universalidade presentes em sua obra que Artaud é um *sapiens-demens* fundamental para ser conhecido e experimentado antropofagicamente no Brasil. É preciso que assimilemos seus escritos e os experienciemos como canibais antropofágicos, em uma devoração mítica, estética e política de sua vida e obra, pois que Artaud, parafraseando Montaigne, carrega em si toda a condição humana.

*

Este livro é o resultado do diálogo nacional e internacional entre dois grupos de pesquisa, o *Marginalia*, grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Grupo de Estudos em Comunicação e Produção Literária, da Universidade de Brasília (UnB). Sua proposta é a de aproximar incursões transdisciplinares que envolvam investigações que religuem cultura, comunicação, arte e filosofia.

Alex Galeno
Gustavo Castro
Fagner França

³ MORIN, Edgar. Meus filósofos. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 43.

Nada nasce de grande que não nasça maldito.

Fernando Pessoa

Resistir, eis o fundamento da virtude.

Honoré de Balzac

O mais urgente não me parece tanto defender uma cultura cuja existência nunca salvou qualquer ser humano de ter fome e da preocupação de viver melhor, mas extrair, daquilo que se chama cultura, ideias cuja força viva é idêntica à da fome.

Artaud, in *O Teatro e seu Duplo*

